

Em 23 de maio, descanse em paz Robério Martins.

Quando reunimos objetos para passarmos uma idéia ou sentimento, estamos fazendo o que em artes plásticas se chama de Instalação. Há um ano, na fachada do nosso ateliê, pode ser vista uma instalação dedicada à memória de Robério Martins. Consta de um boneco enforcado, um escudo de Vila Velha entre penas, faixas com textos explicativos nas vitrines, grafites na parede recriando a cena do enforcamento, colagens, sino, velas, holofote e mortalha.

Robério foi o responsável pela morte de dois fidalgos portugueses, que como ele, aqui chegaram em 23 de maio de 1535, junto com Vasco Fernandes Coutinho: D. Jorge de Meneses e D. Simão Castelo Branco. Esses fidalgos tidos como péssimos elementos por todos os historiadores, dão nome a ruas do Sítio Histórico da Prainha, a da direita e a da esquerda do nosso ateliê.

Robério Martins foi executado aqui próximo, na Ilha da Forca, Inhoá, hoje EAMES, em novembro de 1555. O historiador Adelfo Poli Monjardim, em artigo de 1935, por ocasião do quarto centenário da colonização do Espírito Santo, conta em detalhes sua execução e o poeta Antonino Moreno, em poesia do princípio do séc. XX, que descreve a Prainha, cita a morte de Robério Martins, comparando-o a Tiradentes.

O objetivo da Instalação montada na parede externa do ateliê, é provocar nossos historiadores, retomando a questão: Robério Martins, Herói ou Traidor? Do ponto de vista da coroa portuguesa, não há dúvidas. Do nosso, vejamos:

D. Jorge de Meneses, muito mais famoso do que Vasco Coutinho, era um navegante experiente. Foi ele quem descobriu a Nova Guiné – Papua, (Segunda maior ilha do mundo) e o Arquipélago das Molucas, ilhas ricas em “ especiarias das Índias “. Embora fosse nobre e tivesse prestado relevantes serviços a Portugal, horrorizou o reino pela maneira brutal como tratava os nativos, dificultando novas abordagens. Preso, foi julgado e condenado a um dos piores castigos da época: ao degredo no Brasil. De D. Simão Castelo Branco, pouco se sabe, era fidalgo e degredado como D. Jorge, a quem sucedeu no comando da capitania, sendo morto dois meses depois.

Vasco Coutinho havia retornado à corte para buscar recursos e nomeou D. Jorge seu substituto. Na ausência do Donatário, D. Jorge começou a barbarizar nossos índios, despertando a oposição de outro degredado, Robério Martins, que havia se entrosado bem com os nativos. Este liderou a reação dos índios que o mataram. Assumindo o comando, D. Simão, continuou a barbárie e logo foi morto também por índios de Robério Martins. Tudo isso se passou aqui em Vila Velha, por volta de 1550.

Ao retornar do Reino, Vasco Coutinho tinha ordem para prender e julgar Robério Martins. Condenado, foi enforcado em novembro de 1555.

Embora a Instalação esteja exposta na rua, há um ano e tenha despertado o interesse de milhares de pessoas, de professores de história, de roteirista de filme e autores teatrais capixabas (aos quais oferecemos cópias dos originais da nossa pesquisa) nenhuma instituição oficial mostrou interesse: UFES, IHGES, Conselhos, Secretarias e Departamentos de Cultura. Meu filho cursou história na UFES, sem nunca ouvir falar em Robério Martins e muito pouco da História Capixaba.

Passado um ano, vamos dar um fim digno ao boneco enforcado que representou Robério Martins na Instalação; o próprio não teve túmulo. Provavelmente foi o primeiro herói branco em solo americano. Reuniu nativos para enfrentar os desmandos do poder estabelecido aqui, por europeus.

Ele será cremado em uma pira no jardim interno do nosso ateliê, na manhã de 23 de maio, quando a alvorada e o crepúsculo serão azul, branco e purpura (e não rosa) cores adotadas na nossa bandeira e que sempre colore o nosso céu nesta época do ano.

Kleber Galvêas

Maio, 2000

Ateliê Galvêas

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil -
Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com

HORÁRIO: Todos os dias das 12:00 às 18:00 h. Sextas e Sábados até às 22:00